

## O CORPO EM (DES)ORDEM: ENTRE A FALTA E O ABSURDO

### THE BODY IN (DIS) ORDER: BETWEEN THE LACK AND THE ABSURD

**Éderson Luís da Silveira<sup>1</sup>**

ediliteratus@gmail.com

**Francisco Vieira da Silva<sup>2</sup>**

franciscovieirariacho@hotmail.com

**Resumo:** No presente artigo, reflete-se acerca do corpo feminino enquanto lugar de manifestação do(s) discurso(s) sobre a beleza na sociedade. Para isso, tecem-se gestos de interpretação a partir de uma interface entre os Estudos Culturais e a Análise do Discurso de linha francesa. Para averiguar como se dá a formação do imaginário sobre a beleza da mulher na sociedade atual, toma-se como pressuposto o corpo da mulher na atualidade, procurando perceber como ele se constitui (e é constituído) pelo viés da linguagem. A partir das considerações de Santos (2011) que, baseado em Silva (2000), trabalha com as questões de (des)construção da identidade enquanto processo de identificação/diferenciação, analisam-se sequências discursivas extraídas em uma reportagem da seção “Corpo” do portal de notícias *globo.com*. Partindo do paradigma do corpo ideal (re)produzido através das discursivizações sobre o corpo feminino na atualidade, reflete-se sobre como ocorrem as subjetivações e os processos de formação de identidade da(s) mulher(es) que não se encontra(m) dentro dos padrões estabelecidos. Assim, considera-se a beleza enquanto sinônimo do gerenciamento dos corpos, no sentido de que as discursivizações sobre os padrões estéticos implicam a necessidade de padronizar os corpos a partir de um imaginário construído no universo das instâncias sociais. Nesse sentido, torna-se necessário analisar não apenas discursos que atestam a padronização imposta, mas também que a negam, para perceber as movências de sentido instauradas no/através do discurso. Aqui são analisados, a partir das condições de produção dos enunciados, os apagamentos e deslocamentos que remetem a outros discursos, ora retornando a eles, ora (re)produzindo novos efeitos de sentido.

**Palavras-chave:** Corpo. Discurso. Identidades. Imaginário sobre a beleza.

**Abstract:** In this article, we propose reflections about the female body as a place of manifestation of the discourse (s) about the beauty in society. To do this, first make gestures of interpretation from an interface between Cultural studies and analysis of the speech of the French line. To find out how the formation of the imagery on the beauty of women in present society, we must take the body of the woman today as an assumption, seeking to realize how it is (and is comprised) by the bias of language. Taking the considerations of Santos (2011) as a starting point, based on Silva (2000), which works with the issues of (de)construction of identity as a process of identification/differentiation, we extracted in a discursive story sequences of the "body" of the news portal *globo.com*.

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Based on the paradigm of ideal body (re) produced by discourses about the female body nowadays, we will reflect on how the established online and the processes of formation of identity of women that is not within the standards established by the standards of beauty. In this sense, we will consider the beauty as a synonym of management bodies, in the sense that the discourses on aesthetic standards imply the need to standardize the bodies from an imaginary built into the universe of social instances. In this sense, it is necessary to examine not only discourses that attest the imposed standardization, but also deny it, in order to realize the movements of meaning established in/through the speech. Here, the deletions and offsets that refer to other speeches will be analyzed, in terms of conditions of production of the analyzed wording, sometimes returning to them, sometimes (re) producing new meaning effects.

**Key words:** Body. Speech. Identities. Imaginary about beauty.

## 1 Introduzindo o percurso

O corpo é objeto de estudo de várias pesquisas, sendo compreendido de maneira distinta em cada uma delas e abordado das mais diferentes maneiras. Assim, pode ser estritamente biológico, psicologicamente apreendido ou socialmente determinado, a depender do olhar que se tiver em relação a ele. Este estudo objetiva percebê-lo através da linguagem. Procuraremos perceber, com o auxílio teórico-metodológico dos estudos discursivos e dos estudos culturais, o funcionamento do corpo constituído no/pelo discurso. Assim, partindo do conceito de memória discursiva, enquanto material que sustenta (a possibilidade d) o dizer do sujeito e, considerando-se aqui as condições de produção dos sentidos, percebidos por meio da exterioridade, discutiremos sobre os gestos corporais como atitudes de gerenciamento dos corpos a partir da identificação/diferenciação com os discursos dos padrões de beleza que circulam com as discursivizações sobre o belo na sociedade, enquanto requisito de aceitação em um ou mais grupos sociais.

Nesse sentido, procuraremos perceber a ordem e a desordem dos corpos em relação a essas discursivizações, levando em consideração as condições que propiciaram o aparecimento de noções de beleza baseadas no discurso de que algo sempre falta no corpo da mulher. Desse modo, a mulher passa a ser vista através do olhar anatômico, em que a busca do corpo ideal passa a se caracterizar pelo contínuo agenciamento de corpos, em que nunca se está bela o suficiente, e o corpo é visto a partir do olhar de desejo do outro, sendo, então, continuamente provocada a se modificar, em busca de uma “segunda edição”. Considerando os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, teceremos gestos de interpretação sobre os enunciados em circulação na sociedade atual acerca da beleza, para refletir quanto às condições de produção discursiva desses enunciados. Desse modo, os conceitos de formação

discursiva, condições de produção e efeitos de sentido serão úteis para auxiliar a perceber como os discursos são significados e ressignificados em/por diferentes grupos sociais. Também, no presente artigo, trabalharemos questões identitárias baseadas nos estudos culturais para verificar como são tecidos os movimentos de (des)construção da identidade nos sujeitos por intermédio do(s) discurso(s).

## **2 As condições de produção: do todo harmônico para as partes que constituem o corpo**

De acordo com Novaes e Vilhena (2003), visto sob aspectos culturais, o corpo ultrapassa os limites do biológico tornando-se personagem e ator social, travestindo-se de seu aparato simbólico.

Assim, ele espelha e simultaneamente se constitui. Se o imaginário cultural engendra gestos, posturas, hábitos, vícios, expressões, enfim, toda uma cartografia corporal que insere e reconhece o sujeito como membro de um grupo social, qual seria, na cultura atual, um dos maiores símbolos de inserção? Ter o corpo da moda. Da moda do corpo ao corpo da moda, o corpo desnaturaliza-se ao entrar em cena. O estudo sobre a concepção e codificação do corpo na cultura moderna revela, paralelamente, que um outro olhar e uma atenção diferenciada estão relacionados às mudanças dos códigos sociais. (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 10).

O corpo é visto, então, a partir de inferências externas sobre sua (des)constituição. Os padrões de beleza não apenas engendram comportamentos e sugerem atitudes, como parecem revelar que a culpa de um corpo ideal não é mais biológica e ou genética, mas redirecionada ao sujeito, que passa a ser percebido como alguém que falhou no agenciamento de seu corpo em relação àquilo que se esperava dele. Nesse sentido, a antropologia vai, então, considerar uma dimensão social em que o corpo se insere. Isso porque a relação que temos com a feiúra construiu-se a partir de discursivizações ligadas ao que é ser feio ou belo na sociedade. A partir de atitudes em relação à feiúra (seja vendo-se feio ou vendo o outro dessa forma), podemos perceber ações em relação aos corpos, que produzem vínculos sociais entre os indivíduos (VILHENA; MEDEIROS, 2002).

Courtine (2005) demonstra, por exemplo, o estado de corpolatria que pode ser percebido na sociedade atual. De acordo com ele, em outros momentos históricos, não havia uma preocupação com as partes constituintes do corpo, e não era percebido através das partes que o formam de modo tão minucioso como o é agora, sendo valorizado, em vez disso, o todo harmônico dos pedaços que o constituíam. É o mesmo autor (COURTINE, 2005 apud PIOVEZANI, 2009) que concebe a noção de memória discursiva, por meio da qual observa

que toda e qualquer formulação nela inscrita situa-se dentro de um campo de outras formulações, repetindo-as, modificando-as, transformando-as e/ou refutando-as.

Dentro desse cenário, cabe-nos investigar como se situou este redirecionamento de percepções em relação ao corpo na sociedade: do todo harmônico para as partes que o constituem/devem constituir. Para Nahoum (1987 apud NOVAES; VILHENA, 2003), dois fatores históricos precisam ser considerados como fundamentais para perceber este deslocamento, que revela movências de sentido sobre a (des)construção da imagem social do corpo: a técnica da feitura de espelhos e a educação que nossos sentidos receberam com o passar do tempo.

O uso de espelhos era restrito a uma elite até o começo do século XVIII, devido ao pequeno número de artífices que os produziam. É somente no início do século XX que sua utilização banaliza-se entre as classes populares, podendo ser encontrado com frequência entre os utensílios domésticos de qualquer classe social. Em relação ao segundo aspecto, Nahoum menciona que a educação que nossos sentidos receberam privilegiou a visão no que diz respeito à representação corporal. A partir daí, podem ser percebidas as relações que temos com o corpo. Nas palavras de Nahoum,

[...] Como viver num corpo que não se vê? Como mirar sua celulite na água do poço? Seu queixo duplo, no fundo da panela? Como construir uma imagem corporal tendo por espelho os olhos dos outros?” Na medida em que se elegeu o sentido da visão como privilegiado entre os demais, favoreceu-se a emergência de determinados sentidos como o pudor – que surgia como um tipo de subjetividade que estava sendo forjada. O desenvolvimento do sentimento de pudor contribuiu na educação do olhar sobre o corpo. (NAHOUM, 1987 apud NOVAES; VILHENA, 2003, p. 15).

Na medida em que a visão torna-se privilegiada em relação aos demais sentidos, a beleza (in)aceitável passa a ser percebida, por equivalência ao olhar do outro. Desse modo, o imaginário social de beleza é construído e (re)formulado na sociedade. Assim, o corpo, ao ser concebido enquanto miradouro dos desejos do outro, passa a ser percebido a partir daquilo que o outro espera de mim. A imagem corporal, então, passa a ser vista como resultado da influência do ambiente externo sobre os sujeitos.

Mas os padrões de beleza que cabem explicar neste artigo são aqueles que se referem ao imaginário construído sobre o corpo feminino, porque homem e mulher em nossa sociedade têm papéis específicos de diferenciação. No mundo das imagens contemporâneas veiculadas diariamente nos anúncios publicitários, há mais mulheres do que homens. Para a mulher, a beleza parece estar cada vez mais associada a um dever cultural: o que é normativo para a mulher contemporânea não é a existência de modelos de beleza impostos, “uma vez

que isso sempre existiu, nem mesmo que ela deve ser bela [...], mas o fato de afirmar sem cessar que ela pode ser bela, se assim o quiser.” (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 24).

É a partir dessas considerações que teceremos gestos de interpretação em relação à análise de Sequências Discursivas extraídas de uma reportagem do site *globo.com* referente à notícia de um ensaio fotográfico para uma campanha de *lingerie*, em que se evidencia outra relação com o corpo, a despeito (ou negação e reformulação?) das discursivizações sobre os padrões de beleza que circulam em nossa sociedade.

### **3 Sobre o corpo em desordem: fracasso no agenciamento dos corpos ou negação de discursos de padronização?**

O modelo de beleza a que o corpo da mulher está associado continuamente é repressivo: a mídia explora este aspecto da possibilidade de ser mais bela ou alcançar os padrões (aceitáveis) de beleza em propagandas de produtos para emagrecimento e as clínicas de estética revelam novidades que prometem remodelar cada vez mais, para que alcancem o corpo desejado. Keske (2002) diz que a superexposição do feminino faz com ele seja cada vez mais percebido a partir do olhar (de desejo) do homem.

O que as publicações pornográficas fazem é uma paródia da feminilidade tal como os homens a imaginam e encenam em seus fantasmas. [...] É através da superexposição do feminino como sexo, a partir da pornografia, que a feminilidade se torna mais visível, mais declarada. (...) ainda que existam outros femininos que não os da mídia pornográfica, o que é representado é o da colagem, da bricolagem e da manipulação gráfica. (KESKE, 2002, p. 62).

O corpo feminino é percebido a partir de estereótipos, e isso está imbricado nos discursos sobre o gênero na sociedade e nos papéis que a cada um equivalem. O homem, então, é percebido sob o papel do mantenedor, do provedor, representado a partir da posição de gerência da casa e associado ao sustento (discursos herdados de uma sociedade que conserva os traços patriarcais de tempos anteriores ao atual). A mulher é associada à libido, ao desejo de outro, sujeita àquilo que a sociedade espera dela e do imaginário construído sobre si.

Para Schienbinger (2001), o termo “gênero” é usado como ponto de partida que remete à hierarquia entre os sexos. Além disso, pode-se referir às relações de poder e modos de expressão dentro das relações do mesmo sexo. Dessa forma, para a autora, “ideologias de gênero prescrevem características e comportamentos aceitáveis para homens e mulheres” (SCHIENBINGER, 2001, p. 46). Considerando essa noção de gênero, podemos perceber que

a atribuição de gênero está associada a comportamentos esperados de um indivíduo, sendo ele homem ou mulher, que condizem com imaginários e estereótipos construídos.

Para Baudrillard (2000), o que percebemos hoje como “moralização do corpo feminino” é que o modelo frequentemente proposto ajuda a reformular a imagem que as mulheres têm de seus corpos perante a sociedade. Dessa forma, as atitudes em relação ao corpo colocam-nas em posição de contínua insatisfação consigo mesmas, tornando-o um objeto ameaçador, que é preciso vigiar, cortar, reduzir, mortificar para fins estéticos, com os olhos fixos nos modelos emagrecidos.

Desse modo, pode ser percebida a imagem publicitária da mulher que a silencia para para que os produtos falem por ela. Vende-se, assim, a mulher em consonância com o produto: vende-se um imaginário que hierarquiza o gênero feminino em relação ao desejo do outro. Desse modo, as discursivizações sobre a beleza (as discursividades são as formas com que as ideologias sociais se materializam na língua) retomam ideologias que circulam em textos de jornais, revistas, enunciados e imagens que constroem crenças, atitudes, comportamentos, influenciando o modo de pensar e agir dos sujeitos.

Na simulação da pornografia de corpos femininos, a noção de feminilidade é retomada a partir dos discursos que a atestam: a mulher sujeita àquilo que o homem espera dela enquanto objeto de desejo. Então, ocorre a opacidade do real: na mídia, extrapolam-se as noções do real da imagem e ocorre o reforçamento da criação de estereótipos:

Quanto mais se avança, mais se mergulha na acumulação de signos, mais se fica encerrado numa sobre-significação ao infinito, a do real que já não existe e a de um corpo que nunca existiu. Toda a nossa cultura é a de um corpo que nunca existiu. (BAUDRILLARD, 2000, p. 42).

Se o corpo da mulher tem que ser continuamente monitorado, agenciado, reconstruído, é porque estamos falando da busca de um ideal (in)atingível de beleza. O corpo em desordem revela a “transparência” daquilo que os indivíduos não são: idênticos na forma e nas medidas. Em contraposição àquilo que Baudrillard chamou de “supersimulação do feminino”, temos corpos que existem e que relutam em se adequar aos padrões aceitáveis de beleza que imperam na sociedade atual e que até mesmo percebem a beleza a partir de outros padrões.

Na reportagem analisada, datada de 20 de julho de 2012, encontramos outros elementos associados à beleza: corpos que não se encontram em estado de magreza também podem ter seu lugar no mundo da moda: são as modelos *Plus Size*. No site <http://www.mundo.das.tribos.com>, em uma matéria do dia 28 de março de 2012, com o subtítulo “Conheça um pouco mais sobre a moda *plus size* e descubra quais os modelos de roupas que valorizam mais

o corpo e escondem as gordurinhas”, são apresentadas dicas para as mulheres que não se encaixam nos padrões de beleza que tem por ideal o corpo magro.

Porém, a partir de expressões como “valorizam mais o corpo” e “escondem as gordurinhas”, podemos perceber as retomadas e reformulações dos discursos veiculados pela indústria da moda na mídia que caracterizam as modelos “tradicionais”. Discursivamente, esse movimento de sentidos que retomam outros dizeres é considerado de extrema importância, pois é através dele que se dá o funcionamento da linguagem: os sentidos se movimentam na história. Nesse sentido, o objetivo de uma análise discursiva não é dizer o que significa, mas o modo como ocorrem os efeitos de sentido produzidos. Se as gorduras precisam ser escondidas, podemos perceber aí a retomada dos discursos sobre o agenciamento e monitoração dos corpos que precisam ser contidos e reduzidos ao estereótipo controlador.

O direcionamento da moda *Plus Size* revela outro tipo de público, que não aquele para o qual tradicionalmente se direciona a indústria da moda. Mais adiante, a matéria o descreve: “destinada especialmente a este grupo de mulheres que possuem curvas mais generosas e que acabaram sendo excluídas da grande indústria da moda”. O eufemismo e o redirecionamento de sentidos, que operam na substituição de gordura por curvas mais generosas, apontam para a formação discursiva da qual partem os enunciados. O adjetivo “grande” associado à indústria da moda revela o estado emergente com que se caracteriza o segmento da moda para “mulheres de curvas mais generosas”. O discurso da falta é redirecionado no interior da formação discursiva: se antes lhes faltava magreza, agora suas curvas é que faltam às mulheres magras, produzindo um efeito de sentido de autoafirmação em relação aos padrões de beleza que não consideram as gordinhas em seus pressupostos estereotipadores.

Para Pêcheux (2009, p. 147), a Formação Discursiva (doravante FD) é “aquilo que, numa dada formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Dessa forma, o sujeito discursivo é percebido como um sujeito no sentido em que integra uma instância que é social, coletiva, e que, quando fala, deixa emergir toda essa conjuntura social. Não se trata do sujeito indivíduo, que tem existência individualizada no mundo, pois há um conjunto de elementos exteriores atuando na sua constituição.

É possível, então, verificar a presença de, pelo menos, duas FDs: a FD na qual circulam os dizeres sobre a padronização dos corpos a partir do ideal de magreza, instaurados e (re)formulados através dos discursos da moda tradicional, e a FD da moda *plus size*. Podemos perceber que, quando o sujeito discursivo emite opiniões sobre o assunto da beleza, por exemplo, ele retoma discursos desses lugares, inscrevendo-se neles para produzir (efeitos

de) sentido. Ao utilizar discursos que reforçam o estereótipo de magreza, assim como ao utilizar discursos voltados para as mulheres de “curvas mais generosas”, os sujeitos se inscrevem em FDs diferentes e falam desse lugar como lugar de verdade. É por isso que, no âmbito dos estudos discursivos, dizemos que o sujeito tem ilusão de ser a fonte de seu dizer. Nesse sentido, é preciso desvelar esse processo de construção do sujeito, pensando no sujeito como algo coletivo que fala a partir de uma instância social e ideologicamente marcada. Desse modo, é que deve ser percebido o discurso: não como comunicação, texto, oralidade ou mensagem, mas como algo exterior à fala e à língua, que precisa da língua para ter uma existência material.

#### 4 Os discursos na movência dos sentidos: entre (re)formulações e deslocamentos

De acordo com Bock (1993), o reconhecimento do Eu se dá no momento em que aprendemos a nos diferenciar do outro. Essa premissa vai ao encontro dos estudos culturais, especificamente os estudos voltados para a questão das identidades culturais, que têm caráter fluido, descontínuo e mutável. A (des)construção da identidade está relacionada a um contínuo movimento, já que as relações sociais e os meios de identificação precisam ser reformulados a todo instante, por causa da familiaridade e distanciamento de valores que se fizerem necessários para possibilitar a imersão em um grupo social qualquer (SILVA, 2000).

Para Santos (2011), a construção da identidade ocorre por meio de processos de identificação/diferenciação, pois afirmar identificação com algo é também negar o oposto. Podemos verificar como isso ocorre na sequência discursiva a seguir:

SD1: Adoro ir à praia. Eu me divirto muito. Ponho meu óculos de sol, meu biquíni e vou feliz da vida, me sentindo a poderosa! Se for sair à noite, coloco meu salto, me maquio e vou. Comigo não tem tempo ruim. Vivo a realidade e não tento ser o que não sou. Sou feliz assim-Conta ela, que não pretende emagrecer muito, porque acha que não tem “estrutura óssea” para ser magra.<sup>3</sup>

A construção da identidade pode ser percebida nas afirmações que remetem a discursos de oposição: assim, se na materialidade do enunciado temos afirmações, nos efeitos de sentido produzidos podemos perceber a existência de discursos outros que atuam na produção do sentido. Aqui se torna pertinente retomar o conceito de FD, pois as afirmações

---

<sup>3</sup> As seqüências discursivas foram extraídas de uma reportagem da seção “Corpo” do site *globo.com*, intitulada “Após campanha de lingerie, modelo *plus size* diz que nunca foi tão cantada: ‘está chovendo na minha horta’”, datada de 20 de julho de 2012.



construídas em relação a si apontam para os limites do que pode e deve ser dito, a partir da conjuntura social em que o sujeito se insere em posição ideologicamente marcada.

Temos afirmações como “comigo não tem tempo ruim”, “vivo a realidade e não tento ser quem não sou” e “sou feliz assim”, que trazem consigo critérios de desidentificação em relação a atitudes que revelam “tempos ruins”, e em relação a sujeitos que não “vivem a realidade”, ou que “não são felizes” do jeito como estão. Percebemos, então, a retomada de outros dizeres, para que se possa negá-los nas afirmativas enunciadas.

Essas afirmativas não ocorrem ao acaso, já que, pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa, os sentidos não são óbvios, mas construídos historicamente no interior das FDs em que os sujeitos estiverem inscritos ideologicamente. Percebemos nesse retorno ao já dito uma espécie de radar que capta o que é atual, indicando mudanças sociais de grande porte e alcance profundo.

Quando a modelo *plus size* Jéssica Dürr enuncia, de sua posição social e ideologicamente marcada no interior da FD em que se inscreve, que está feliz do jeito como é, ela inscreve seu dizer na história, que revela a existência de mulheres que não são magras, mas que não se aceitam do jeito como estão. No interior da FD em que Jéssica se inscreve, não é possível enunciar dizeres que depreciem o corpo das mulheres “com curvas mais generosas”, em oposição à FD dos padrões de beleza associados à magreza dos corpos.

Porém, existem movimentos no interior de cada FD, que faz com que os sentidos produzidos estejam sempre em movimento. Evidenciamos, além disso, a retomada do discurso sobre o agenciamento dos corpos, quando há enunciados que atestam o cuidado com a aparência (“coloco salto alto, me maquio e vou”), bem como os cuidados que ainda são mantidos em relação ao modo como o corpo deve estar (no caso de “não pretendo emagrecer muito”, Jéssica externa uma preocupação com sua beleza corporal).

A história é também um elemento constitutivo dos sentidos que se produzem no interior dos discursos. Para a AD, os seres humanos são sujeitos na história e não da história (ALÓS, 2004). Assim, os indivíduos são agentes de práticas sociais dentro do processo histórico. Uma das partes que retomam as reflexões que expusemos até aqui é a seguinte: “não tento ser o que não sou”. Esse enunciado produz sentidos que se realizam historicamente no corpo do discurso, apontando para a realidade de muitas mulheres com o corpo semelhante ao dela, que não optaram em se aceitar como são: estão em busca de um corpo que não é delas, que não lhes pertence. São sentidos fortemente produzidos no interior da FD, conforme já mencionamos e que atuam na construção da identidade, a partir de processos de

identificação/diferenciação em relação a outros sujeitos inseridos em posição social parecida ou divergente.

Quando se afirma que a existência, por ser objetiva, é anterior à subjetividade que pretende apreendê-la enquanto objeto do conhecimento, fica exposta aí a importância da noção de historicidade. Ora, se a existência é objetiva, o sujeito é um efeito de sentido (de acordo com Michel Pêcheux), pensar a historicidade faz-se de fundamental importância para a compreensão dos sentidos, dado que é no momento em que o fio da história e o fio da língua se entrelaçam que o fio do discurso é estabelecido, evidenciando sentidos a partir dessas duas materialidades (língua – história). (ALÓS, 2004, p. 493).

Muitas vezes, os enunciados, à medida que entram em circulação, vão produzindo diferentes formas de subjetivação e processos de significação. Por isso, as condições históricas e sociais de produção discursiva são importantes para perceber como os sentidos são produzidos, modificados retomados e/ou negados. Na sequência discursiva a seguir, é possível observar como ocorrem, no interior da materialidade analisada, elementos de identificação/diferenciação que contribuem para que esta se constitua como lugar de expressão da subjetividade e de circulação de práticas discursivas sociais.

SD2: Posso no máximo, chegar ao manequim 46. Não mais do que isso. Senão, fico até feia – diz ela, que veste 50. – Já fiz dietas, cheguei a tomar 16 comprimidos por dia. Fiquei mal, quase morri. Emagreci bastante, mas depois engordei o dobro. Não vale a pena. Hoje, não sigo nada regrado, mas me alimento de forma saudável. Vou à academia, faço caminhadas, drenagem... sou uma gordinha ativa! – garante ela, que já foi rotulada como Free Willy, orca de um clássico filme americano homônimo.

Cabe que seja considerado, em relação à matéria mencionada, que esta se direciona para mulheres que procuram a seção “Corpo” no intuito de encontrar “fórmulas” eficazes na padronização de seus corpos em relação a uma estética vigente vinculada a um imaginário que idealiza a magreza enquanto norma a ser alcançada. Nesse contexto, as leitoras encontram uma reportagem como esta em que os enunciados veiculados se tornam públicos e, na medida em que entram em circulação, vão produzindo diferentes formas de expressão da subjetividade através das práticas discursivas contemporâneas.

Podemos perceber, durante a matéria, que a repórter procura adjetivar a modelo Jéssica de modo diferenciador (são utilizados termos como “ousada”, “adora aparecer”, “despachada”, “não sentiu vergonha”), o que possibilita a produção de sentidos que associem o caso dela como um caso particular, já que as outras matérias que aparecem ao final da página retomam os discursos tradicionais sobre a beleza. Assim, nos tópicos inseridos na seção “Últimas de mulher”, temos títulos como “Panicat Thais Bianca aparece mais magra” e,

no tópico “Últimas de Corpo”, temos por títulos de matérias referenciadas: “Saiba o que Giovana Antonelli, Flávia Alessandra e Nanda Costa fizeram para serem as bonitonas de Salve Jorge” e “Débora Nascimento: saiba quais são os segredos da bela que abusa do fio dental”.

Levando em consideração o público a quem se direciona a seção “Corpo” e os títulos das matérias revelados abaixo da matéria sobre Jéssica Dürr, percebemos que existe a manutenção dos discursos sobre os padrões de beleza. A repórter, inserida enquanto posição-sujeito de sua FD, que remete às expectativas alimentadas pelas leitoras daquela seção específica, procura enunciar dizeres que atuam produzindo um efeito de sentido descaracterizador da modelo enquanto modelo autêntica.

Em consonância com isso, podem-se encontrar enunciados como “com 110 kg e 1,75 m, ela prova que, mesmo fora dos rígidos padrões de beleza ditados pelo mundo da moda, está arrasando quarteirões”. A utilização da expressão “rígidos padrões” remete a sentidos inscritos em discursivizações sobre o corpo na atualidade, em que é preciso cuidar, reduzir medidas e padronizar para ser bela. Outra palavra que chama atenção é “moda”. Se existe moda para modelos *plus size*, por que foi utilizada remetendo a algo exterior a esse mundo, como se moda *plus size* estivesse em posição de inferiorização em relação ao “mundo dos rígidos padrões”? Como podemos perceber, o sujeito tem a ilusão de ser fonte de seu dizer, mas não tem o controle dos efeitos de sentido que podem vir a ser produzidos através da recepção e/ou leitura destes.

Quando a modelo enuncia a partir de seu passado suas ações, inscreve seu discurso na história, ao mesmo tempo que remete não apenas ao seu caso particular, mas a outros universos de pessoas que lutam para estar em acordo com o ideal de magreza defendido pela moda tradicional: “Já fiz dietas, cheguei a tomar 16 comprimidos por dia. Fiquei mal, quase morri. Emagreci bastante, mas depois engordei o dobro”. Ao fazer isso, sua fala retoma a vida de outras pessoas que não a sua e produz sentidos para as pessoas que estiveram e/ou estão na mesma condição que ela.

Podemos inferir que o discurso da exclusão e o da necessidade de aceitação social (cheguei a ponto de tomar 16 comprimidos por dia) levam ao discurso da aceitação: “Não vale a pena. Hoje, não sigo nada regrado, mas me alimento de forma saudável. Vou à academia, faço caminhadas, drenagem... sou uma gordinha ativa!”. Porém a cisão não é total em relação aos discursos que atravessavam seu dizer antes de se tornar modelo *plus size*, pois os cuidados devem permanecer, ainda que não em relação à busca de um corpo inatingível, que não é seu. Ser modelo requer cuidados com a aparência e também limites impostos por si mesma: “posso

chegar, no máximo ao manequim 46. Não mais do que isso. Senão fico até feia” em oposição ao ideal de beleza que defende o “quanto mais magra melhor”.

## **5 Reunindo os pedaços: aspectos (in)conclusivos**

Os seres humanos estão acostumados a seguir critérios de classificação: bonito ou feio, gordo ou magro, feliz ou infeliz, que apontam para as práticas discursivas operacionalizadas no interior dos discursos em circulação na sociedade. Conforme Lévi-Strauss nos ensina em “Pensamento Selvagem”, a classificação é um processo exaustivo. Através da classificação dos seres humanos é que a cultura inscreve suas particularidades no mundo. De acordo com este autor, nada teria sentido se não retirássemos sentido de tudo o que nos cerca ao classificarmos. Desse modo, a existência assume ares humanos, tudo adquire lugar, pois, para nós, é impossível viver em um mundo de gelatina, na feliz expressão de Mary Douglas (ROCHA, 2001).

Nesse sentido, espaço e corpo se interconstituem: assim como não há espaço sem corpo, não há corpo que não esteja no espaço. A partir dessas constatações, podemos inferir ainda que o corpo significa a partir dos discursos sobre ele em circulação na sociedade. Assim como o silêncio (ORLANDI, 2002), o corpo também significa. A partir do olhar do outro, podemos perceber a construção do objeto observado, e o corpo é observado a partir das diversas ideologias que permeiam o interior dos discursos que o procuram definir. Nesse sentido, apresentamos o corpo, no decorrer do artigo, enquanto objeto de desejo, objeto simbólico com espessura significativa, cuja opacidade permite perceber o curso na história e a constituição dos sujeitos que se inscrevem nas instâncias sociais em posições ideologicamente marcadas.

O corpo gordo, magro, belo, feio, feminino, masculino, assim qualificado adjetivamente, é olhado e dito em discursos que o atravessam e a partir de gestos dos sujeitos em relação a ele, produzindo sentidos que se apresentam como naturais, pela ação da ideologia. Desse modo, procuramos perceber de que modo ocorre a gestão social dos corpos na história através do discurso. Para realizar tal tarefa, analisamos sequências discursivas de uma reportagem inserida na seção de um site de grande circulação. A partir daí, procuramos atentar para o movimento dos sentidos que se deslocam na história dos sujeitos e no interior dos discursos, partindo do pressuposto de que, discursivamente, o movimento é um termo de grande importância, porque percebemos que é nele que se dá o funcionamento da linguagem, pois os sentidos se movimentam na história.

Finalmente, sabendo que não é papel do analista do discurso averiguar qual é o sentido verdadeiro (até porque os sujeitos, falando de lugares exteriores ideologicamente marcados, mesmo estando em posições contrárias, têm para si que estes são lugares de verdade), acentuamos que o papel deste não é dizer o que significa, mas como significa. A questão central então passa a ser o sentido: como surge, onde se (re)produz, se mantém, ou se atualiza a partir do apagamento de discursos outros. Ficam aqui as contribuições sobre o imaginário de beleza construído e sobre as formas de subjetivação que isso impõe para as mulheres na atualidade a partir das ideologias sobre o belo. Entendemos, aqui, que cada trabalho é um caminho de reticências que apresenta novos olhares e abordagens, a fim de que se possam pensar outros caminhos. Assim, esperamos que este artigo tenha contribuído para tecer novos gestos de interpretação a partir da interface entre áreas aparentemente distintas que muito podem contribuir juntas na tessitura de novos gestos de interpretação.

## Referências

- ALÓS, A. P. Em busca de um percurso singular de sentidos: cinco noções básicas do dispositivo teórico na análise do discurso. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão/SC, v. 4, n. 2, jan./jun. 2004, p. 489-512.
- BAUDRILLARD, J. **Da sedução**. Campinas: Papyrus, 2000.
- BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1993.
- COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANTANA, D. B. de. (Org.) **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas culturais**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 81- 114.
- DOUGLAS, M. O mundo dos bens, vinte anos depois. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 28, jul./dez. 2007, p. 17-32.
- GLOBO.COM. 2012. **Após campanha de lingerie, modelo plus size diz que nunca foi tão cantada**: “está chovendo na minha horta”. Disponível em: <http://extra.globo.com/mulher/corpo/apos-campanha-de-lingerie-modelo-plus-size-diz-que-nunca-foi-tao-cantada-esta-chovendo-na-minhahorta5533885.html#axzz2CfqNILJQ>. Acesso em: 23 out. 2012.
- MUNDO DAS TRIBOS. 2012. **Moda plus size: dicas**. Disponível em: <http://www.mundodastribos.com/moda-plus-size-dicas.html>. Acesso em: 25 out. 2012.
- KESKE, H. I. E a mídia criou a mulher **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, n. 8, FAMECOS/PUCRS, 2002. p. 59-66.

LEVY STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. v. I (1950). São Paulo: Edusp, 1974. p. 1-36.

NAHOUM, V. La belle femme ou le stade du miroir em histoire. **Communications**. n. 46, 1987, p. 22-32.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. de. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, [S.l.], v. 3, n. 15, jan./jun. 2003, p. 9-36.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PIOVEZANI, C. Foucault com Courtine: corpo e discurso. In: GOMES, D. de O.; SOUZA, P. de (Orgs.). **Foucault com outros nomes**: lugares de enunciação. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009.

ROCHA, E. A mulher, o corpo e o silêncio: a identidade feminina nos anúncios publicitários. **Alceu**, [S.l.], v. 2, n. 3, jul./dez. 2001, p. 15-39.

SANTOS, L. dos. As identidades culturais: Proposições conceituais e teóricas. **Revista Rascunhos Culturais**. Coxim/MS, v. 2, jul./dez. 2011, p. 141-157.

SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Trad. Raul Fiker. Bauru/SP: Editora EDUSC, 2001.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S. Mídia e perversão. **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, 2002, p. 28-31.